



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 072

**DARCY RIBEIRO, A CIÊNCIA E O “POVO BRASILEIRO”:  
UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA**

**Dr. Erwin H. Frank**

**Belém, Fevereiro de 1997**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Cristovam Wanderley Picanço Diniz

### **Vice-reitor**

Telma de Carvalho Lobo

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Edna Maria Ramos de Castro

### **Diretor Adjunto**

Marília Emmi

## **Conselho editorial do NAEA**

Armin Mathis

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Gutemberg Armando Diniz Guerra

Indio Campos

Marília Emmi

## **Sector de Editoração**

E-mail: [editora\\_naea@ufpa.br](mailto:editora_naea@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_naea@ufpa.br](mailto:Papers_naea@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 072

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# DARCY RIBEIRO, A CIÊNCIA E "O POVO BRASILEIRO": UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA<sup>1</sup>

---

*Dr. Erwin H. Frank*

## **Resumo:**

Como qualquer outro estrangeiro, de vez em quando, sofro momentos de intensa anomia nesse país, ou melhor, existem momentos em que observo certas coisas ou ações de pessoas que me parecem carecer de sentido. Embora, como antropólogo, a minha suspeita, em tais momentos, não seja que as coisas ou comportamentos observados, **realmente** carecem de sentido, mas que, seguramente, tão só **ignoro** o seu sentido dentro do sistema cultural brasileiro. Daí me senti bastante feliz quando, certo dia, encontrei um livro de Darcy Ribeiro, prometendo (no seu sub-título) me revelar finalmente todo o "sentido do Brasil". Mas, francamente, o livro me decepcionou, e até me causou **outro** momento de anomia, quando, depois da minha primeira leitura, me perguntei: como é possível que um texto como este possa ter sido publicado pela bem reputada Companhia das Letras? Como se entende, em geral, os comentários bastante favoráveis que recebeu em quase todos os jornais e revistas desse país? E, sobretudo, como se explica o enorme êxito comercial desse livro, documentado pelo fato de que, durante meses, figurou entre os dez livros não ficcionais mais vendidos no Brasil? Como avaliar, como fazer sentido disso?

**Palavras-chave:** Darcy Ribeiro. Povo Brasileiro. Crítica.

## Introdução

Como qualquer outro estrangeiro, de vez em quando, sofro momentos de intensa anomia nesse país, ou melhor, existem momentos em que observo certas coisas ou ações de pessoas que me parecem carecer de sentido. Embora, como antropólogo, a minha suspeita, em tais momentos, não seja que as coisas ou comportamentos observados, **realmente** carecem de sentido, mas que, seguramente, tão só **ignoro** o seu sentido dentro do sistema cultural brasileiro<sup>2</sup>. Daí me senti bastante feliz quando, certo dia, encontrei um livro de Darcy Ribeiro, prometendo (no seu sub-título) me revelar finalmente todo o "sentido do Brasil"<sup>3</sup>.

Mas, francamente, o livro me decepcionou, e até me causou **outro** momento de anomia, quando, depois da minha primeira leitura, me perguntei: como é possível que um texto como este possa ter sido publicado pela bem reputada Companhia das Letras? Como se entende, em geral, os comentários bastante favoráveis que recebeu em quase todos os jornais e revistas desse país? E, sobretudo, como se explica o enorme êxito comercial desse livro, documentado pelo fato de que, durante meses, figurou entre os dez livros não ficcionais mais vendidos no Brasil? Como avaliar, como fazer sentido disso?

Nesse ensaio tentarei dar uma resposta a essas perguntas. Trata-se, sem dúvida, de uma resposta polêmica. Mas, talvez, justamente por isso de interesse não só pessoal. De toda maneira, gostaria de vê-la comentada por outros.

A idéia chave dessa resposta é que, já no momento de comprá-lo, e logo durante a minha primeira leitura me senti completamente enganado quanto à **natureza** e **finalidade** desse livro. Em outras palavras: eu comprei e li esse livro como algo que **não é** e nem pretende ser e, somente **por isso**, o achei "péssimo" e o seu êxito simplesmente inexplicável.

Porque, devido ao que já sabia do seu autor (para mim: o conhecido antropólogo e professor Darcy Ribeiro), mas, também devido à "aparência" do próprio livro (a existência de "Notas", uma extensa "Bibliografia" um "Índice", etc.) e, por fim, devido também às poucas frases do "Prefácio" que logrei ler ainda na livraria, eu o considerei **um livro científico**, quer dizer: eu pensei que **a intenção** de

---

<sup>1</sup> Palestra lida e discutida o 31 de Agosto 1996, no auditorio do NAEA. Obrigado a todos que participaram daquele evento e, sobretudo, à Nelita.

<sup>2</sup> A base dessa suspeita é aquele *a priori* da antropologia cultural chamado "relativismo cultural", implicando que o sentido das ações humanas nunca é simplesmente "evidente" e nem dedutível de uma suposta racionalidade situacional pan humana. Mas bem, o sentido do comportamento de qualquer ator humano tem que ser deduzido da sua "visão" ou de seu entendimento subjetivo do mundo que é um produto do sistema cultural no qual participa. Para uma discussão teórica dessa perspectiva, ver: Winch 1972, Crick 1976 ou Bourdieu 1972.

<sup>3</sup> Darcy Ribeiro: O povo brasileiro - A formação e o sentido do Brasil, São Paulo, Companhia Das Letras, 1995

Darcy Ribeiro, no momento de escrever e publicá-lo, tivesse sido contribuir com **a discussão** contínua na comunidade científica nacional e internacional que, para mim, é a essência do que chamamos "ciência"<sup>4</sup>. Embora, habilmente fantasiado como tal, **esse livro não é "científico"** e, mesmo que o seu autor repetidas vezes insista do contrário, estou convencido que, com ele, Ribeiro nunca **quiz**, realmente, contribuir com tal discussão.

O que inicialmente despertou minhas suspeitas nesse sentido foi que, nesse livro, Darcy Ribeiro expõe uma "teoria da história" que, dentro da comunidade científica<sup>5</sup> atual está **plenamente desacreditada**. Trata-se de uma variedade de "neo-evolucionismo unilinear"<sup>6</sup>, um ranço Neo-Spencerianismo<sup>7</sup> que, mesmo dentro do pequeno grupo de, sobretudo, arqueólogos e historiadores neo-evolucionistas que ainda sobrevive<sup>8</sup>, representa uma posição altamente duvidosa.

Evidente que nada se tem contra a defesa de uma posição minoritária na discussão científica, - nem mesmo se essa posição é tão somente uma cópia de um paradigma já desconsiderado pela maioria dos membros atuais da comunidade científica, no século passado<sup>9</sup>. Mas, se alguém **realmente quer** que um discurso no qual defende uma teoria<sup>10</sup> tal **seja levado a sério** pelos cientistas contemporâneos, que

---

<sup>4</sup> O meu conceito de "ciência" talvez surpreenderá, pela ausência deliberada nele de qualquer referência à "verdade" ou "objetividade". Em realidade, considero a ciência netamente incapaz de produzir conhecimentos "verdadeiros" ou "objetivos" da realidade, simplesmente porque os cientistas são homens e mulheres que, por definição, experimentam o seu mundo **subjetivamente**. Daí que o critério que diferencia os discursos ou textos "científicos" dos discursos ou textos "não-científicos" **não pode ser** a maior "veracidade" ou "objetividade" dos primeiros. Mas, isso **não significa**, por certo, que não exista critério algum para realizar essa diferenciação.

<sup>5</sup> Chamo "comunidade científica" aquela totalidade de membros da civilização ocidental atual que é socialmente marcada e reconhecida, qualificada (e, majoritariamente, paga!) para "fazer ciência". Como tais, os cientistas que integram tal comunidade, contribuem continuamente com novos "discursos" (palestras, ensaios, livros) àquela discussão perpétua (mais ou menos pública) que é a "essência" do campo discursivo da "ciência". Nestes discursos eles propõem sempre novos "sentidos", novas maneiras de entender o que experimentamos como "real", reforçando ou desfazendo discursivamente as propostas anteriores de outros cientistas. Como veremos, isso **não quer dizer** que tudo o que um "cientista" diz (ou escreve) é "científico". Somente que a licença principal de entrada de qualquer discurso no campo discursivo da ciência é o **reconhecimento social** do discursando como "cientista".

<sup>6</sup> À maneira de White 1945, 1949 e 1959 ou: Sahlins e Service, 1960.

<sup>7</sup> Herbert Spencer (1820-1903), jornalista, cientista autodidata e um dos pais da sociologia tanto inglesa como, sobretudo norte-americana, publicou, entre outros: *The Study of Sociology* (1873) and *Principles of Sociology* (1896). Para um resumo de suas idéias ver R.L. Carneiro (Ed.) 1967 e Marvin Harris, 1968, p.108-141.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, Friedman e Rowlands (eds.), 1982, ou Johnson e Earle (1987).

<sup>9</sup> Ver Kuper 1988, Kuklick 1991 e Trautmann 1987.

<sup>10</sup> O conceito de "teoria" implícita nesses ensaios foi elaborado por Larry Laudan (1977) numa resposta a "falsificação" empírica das definições positivistas e "falibilistas" dessa finalidade nos

seja discutido e, eventualmente, inclusive **aceito** por eles, então esse alguém **tem que fazer** várias coisas que Darcy Ribeiro **não faz** nesse livro, sobretudo "maximizar" a própria **autoridade discursiva como cientista**.

### O que é isso, e como se faz?

Trata-se de maximizar o **peso relativo** da própria voz (do próprio discurso), frente às demais vozes (discursos) na comunidade científica, onde **todos** concorrem pela atenção (e o tempo) dos demais cientistas interessados numa problemática. Porque, visto pragmaticamente, o **processo científico** é basicamente isso: milhares de vozes se levantam continuamente procurando convencer os demais membros da comunidade científica interessados numa certa questão do ponto de vista por eles expressado. Alguns são imediatamente rejeitados como "não científicos"<sup>11</sup>. Outros, mesmo que inicialmente aceitos, são rapidamente esquecidos e somente uns poucos conseguem "chamar a atenção", isto é, reaparecer em discursos posteriores, realizados por outras vozes, em forma de "citações" diretas e indiretas.

Mas, que existem alguns discursos que jamais entram na discussão científica, que outros entram, mais tão só para serem ignorados por completo ou para serem declarados "inaceitáveis" por alguém e imediatamente esquecidos; que, finalmente, uns poucos se mostram um "êxito" enquanto, durante algum lapso de tempo, são citados, criticados ou simplesmente tomados por conhecidos; tudo isso é fruto de um processo, que pouco tem de casual (mesmo que a casualidade represente **um certo** papel nele) e que - contrário ao que quase todos os cientistas afirmam constantemente - depende **tão só "em segunda instância"** do conteúdo desses discursos. Em realidade, na maioria dos casos, o "valor" ou "peso" relativo de um discurso (que passou os mecanismos netamente editoriais mencionados na nota 11) já é decidido por um cientista, mesmo **antes** do que esse discurso realmente comence.

Um fator decisivo nessa avaliação, habitualmente realizada pelos cientistas **ainda antes** de conhecerem o "conteúdo" é a **identidade** e **autoridade** de quem fala. Avalia-se o nome, os títulos, a carreira e os outros "méritos" acadêmicos de quem fala, onde estudou, com quem e em que época, que, quanto (e onde!) já publicou e, finalmente, se o seu nome já apareceu em outros discursos. Mesmo que, talvez, não devesse ser assim, - a verdade é que, se quem fala não é conhecido, se não tem títulos nem

---

trabalhos de Thomas E. Kuhn (1970, 1977). Para uma discussão das ideias de Laudan, ver Frank 1993.

<sup>11</sup> Pelo geral, isso ocorre ainda antes da sua publicação. Quase todos aqueles jornais e revistas (e muitos dos editoriais) nos quais os cientistas atuais publicam a vasta maioria dos seus discursos, se servem de "revisores anônimos" (em geral, professores universitários que trabalham temáticas relacionadas à do ensaio). A tarefa principal desses revisores é justamente pré-avaliar o "valor científico" de um texto, é dizer, decidir se merece ou não ser publicado.

"currículo", o seu discurso tem pouca chance de provocar algum impacto sobre o processo discursivo científico, seja qual for o seu "conteúdo".

Isso **não significa**, por certo, que um iniciante às ciências não tenha chance alguma de ser escutado, nem que aqueles com nome e títulos tenham a aceitação dos seus discursos assegurada. Ao final, como comprova esse livro tão somente uma vez mais, **às vezes** os nomes e títulos enganam. Nem tudo que um "doutor" ou "professor" diz ou escreve é, tão só por isso, já "ciência", embora o ensaio de qualquer desconhecido **pode**, eventualmente, sê-lo.

Quer dizer, nome, título e reputação de um cientista (socialmente reconhecido como tal) não bastam, nem sequer para garantir a aceitação do seu discurso como "cientista". Além disso têm **outras exigências** (aliás, historicamente variáveis e, em si mesmas, continuamente discutidas entre os cientistas) que - num dado momento histórico - qualquer discurso tem que observar como **pré-condição mesma** da sua identificação e aceitação como "científico".

Como qualquer estudante sabe, alguns desses critérios adicionais são puramente "formais". (Na atualidade, um livro realmente "científico" tem que ter um "Sumário" uma "Bibliografia" e extensas "Notas"). Como já indiquei, foram esses critérios "formais" que me enganaram mais, no momento de comprar esse livro. Sem dúvida nenhuma, o professor Darcy Ribeiro **sabe** como compor um texto para que tenha a **aparência** de um texto científico.

Mas, além disso, existem também certos critérios, digamos, **normativos** que qualquer discurso tem que observar **também** num certo momento histórico para tentar a sua aceitação como genericamente "científico". Quer dizer, em cada momento histórico, certas coisas **não podem**, simplesmente, ser formuladas por alguém que deseja que o seu discurso seja "tomado em conta" pela comunidade científica, e outras que **têm que ser expressas**<sup>12</sup>.

Por exemplo, atribuir, **ainda em 1995**, valor analítico à categoria de "raça", e insistir que essa categoria seja capaz de "explicar" supostas "características nacionais" dos brasileiros (como sua "musicalidade", por exemplo, ou o apego deles a certas formas de "misticismo" ou "cultos africanos") ou declarar, mesmo que tão só **indiretamente**, que - ao final - "os negros", "mulatos" e "brancos pobres" brasileiros **são** "preguiçosos", "ignorantes" e "criminosos inatos e inelutáveis", - embora não por sua

---

<sup>12</sup> É certo que, em consequência do persistente domínio da imagem **positivista** da ciência, que identifica a "verdade" como o único valor aceitável para um cientista, esses critérios "normativos" são pouco conhecidos e menos ainda discutidos entre os cientistas que, mesmo assim, em geral os tomam em conta.

"raça", senão em consequência das experiências dos seus pais como escra-vos<sup>13</sup>; formular convicções desta índole **hoje** significa simplesmente auto excluir-se **deliberadamente** da discussão científica atual.

Isso também vale para um texto que se aproveite de uma terminologia como aquela usada por Darcy Ribeiro na seguinte citação: "Outro processo dramático vivido por nossas populações urbanas é sua **deculturação** ... **A norma na marginália** é uma agressividade em que cada um procura arrancar o seu, seja de quem for. **Não há família**, mas meros **acasalamentos eventuais**. A vida se assenta numa **unidade matricêntrica** de mulheres que **parem** (parem!, E.F.) filhos de vários homens." (p.205)

Não trata-se aqui, somente, de uma questão de péssimo "estilo" e mau gosto. Trata-se de uma deliberada, isto é, **intencionada desqualificação** do objeto de uma observação supostamente "científica". Não se trata também de proibir avaliações e impor um mítica "imparcialidade" aos cientistas. Trata-se, de não legitimar com o título honorífico de "ciência" a um discurso que, em realidade, é uma **agressão verbal**, um discurso que **nem sequer tenta** dizer algo "válido" e "verdadeiro" sobre a realidade, senão **ferir e punir** alguns que fazem parte dela, tão somente porque o discursante "não gosta" deles e do seu estilo de vida. De fato, **esse livro está cheio desse tipo de agressões verbais** baseadas em **preconceitos** raciais, sexistas, elitistas e nacionalistas.

É certo que Darcy Ribeiro continuamente nos informa que os negros são "capazes de se autosuperarem" (com um pouquinho de educação), que a cultura do índio é "mais humana" que a mesma civilização ocidental (embora, que justamente por isso não tem futuro no Brasil atual), que as mulheres contribuíram "muito" à formação da brasilidade e, finalmente, que os marginais são marginais tão somente por culpa do sistema econômico, político, social e cultural vigente nesse país. Embora, esse penetrante gesto do "verdadeiro amigo dos discriminados e explorados", esse **populismo** que chega gritando: Olham, eu sei que vós, negros, mulheres e marginais desse país, não sois fedorentos, tontos e criminosos **por sua própria culpa, mas, por culpa do capitalismo!** - tudo isso, longe de reforçar a **credibilidade** de Ribeiro como "cientista", tão só constitui **outro** indício claríssimo de que esse livro **não é** "científico", e que **não foi escrito** para ser lido e discutido pelos membros da comunidade científica nacional e internacional.

---

<sup>13</sup> Para os descendentes dos antigos senhores de escravos (isto é, para os brasileiros "brancos"): "o negro livre, o mulato e o branco pobre são também o que há de mais reles, pela preguiça, pela ignorância, pela criminalidade inatas e inelutáveis. Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão." (p.222). A segunda frase dessa citação não permite dúvida: Ribeiro aceita a "desgraça" dos negros brasileiros que a primeira qualifica, - tão só a atribui a uma causa distinta.



## A ciência social brasileira acabou com Darcy Ribeiro?

Mas, a característica desse livro que, além de tudo já dito, me convenceu finalmente por completo de que esse texto não é, e **nem quer ser** "ciência" é a seguinte.

Como documenta a bibliografia, Darcy Ribeiro **simplesmente ignora, não toma em conta, jamais se refere, nem crítica, nem aplaude** algum texto ou livro escrito depois da segunda metade da última década de 60. Ora, coincidentemente, essa data coincide exatamente com aquela da redação dos conhecidos livros de Ribeiro sobre "O Processo Civilizatório", "As Américas e a Civilização" e "Os Índios e a Civilização" e, finalmente, "El Dilema de America Latina"<sup>14</sup>! Parece, portanto, que, para Ribeiro, com a publicação desses livros a ciência social já acabou, que neles o próprio Darcy Ribeiro já revelou **tudo** que um brasileiro deve e pode saber sobre o seu próprio povo, - o que explica também que o autor mais citado e elogiado nesse texto é nenhum outro mas o mesmo Darcy Ribeiro!

Agora, como já indiquei acima, para mim a ciência é **essencialmente** um discurso contínuo entre aqueles, socialmente identificados (e, pelo geral, pagos!) como "cientistas" num momento histórico dado, e palestras, artigos ou livros realmente "científicos" são aqueles que buscam contribuir para esse processo discursivo contínuo. Assim que nenhum autor que deseje ver os seus discursos (palestras, artigos ou livro) reconhecidos pela comunidade científica como "científicos" pode, realmente, se dar ao luxo de **ignorar**, de **não se referir**, se quer **indiretamente**, às contribuições e participantes atuais da discussão científica, - **sob (justa) pena de ostracismo do âmbito dessa comunidade!**

Mas, bem pode ser, que Darcy Ribeiro simplesmente não saiba ou não queira saber disso, pois, na velha tradição da auto-imagem positivista do "cientista", ele se entende comprometido exclusivamente com "a verdade" (**como ele a entende**, por certo) que tem que ser dita e defendida, seja qual for a "moda", o consenso ou o "Zeitgeist" vigente na comunidade científica em algum momento. Pode ser, inclusive, que ele **realmente** não tenha encontrado na literatura científica, publicada depois de 1965, alguma contribuição, alguma idéia, algum ponto de vista que mereceria ser **pelo menos criticado** do ponto de vista da "verdade" que ele defende. Pode ser, finalmente, que ele realmente acredite que os seus preconceitos raciais, sexistas, etc., **não constituem preconceitos**, senão "verdades" empiricamente inegáveis. Tudo isso é possível, embora eu não acredito.

Muito pelo contrário, eu acredito que ele **sabia** e que **conhecia** a discussão científica sobre a história e a constituição atual do "Povo Brasileiro", depois de 1965<sup>15</sup>, embora, ao que parece, toda essa discussão simplesmente não lhe interessou. Acredito, também, que ele sabia que seus preconceitos **eram**

---

<sup>14</sup> Ver Bibliografia.

<sup>15</sup> As excelentes obras de Roberto DaMatta (1990, 1991 e 1994), de Cynthia Anderson Sarti (1996), Ronaldo Vainfas (1995) e Ellen F. Woortmann (1995), por exemplo.

**preconceitos** e que, mesmo assim, achou oportuno reproduzi-los nesse texto<sup>16</sup>. E, finalmente, acredito que não lhe importou **nada** o que alguns cientista acharam do seu texto, simplesmente porque **não escreveu esse livro para eles**. Assim, que **outra falha** por mim cometida no momento de comprar esse livro foi acreditar que esse seria um livro **sobre** "o povo brasileiro", quando, na verdade, é um livro **para** o povo brasileiro, **menos para os cientistas**.

E, paradoxalmente, é **justamente por isso**, por ser um texto escrito **para o "povo"** brasileiro, no sentido populista desse conceito (de toda a população, menos da "elite" econômica, política, social e, sobretudo, intelectual), que Ribeiro o fantasiou tão habilmente como "ciência". Sem dúvida nenhuma, ele **quiz** que o seu leitor imaginado o considerasse um livro "científico" e, para alcançar essa meta, ele seguiu religiosamente todas as regras **formais** que, tanto para científicos como para não-científicos, marcam artigos ou livros "científicos". Isto é, esse livro tem um "Prefácio", uma "Introdução", extensas anotações, uma "Bibliografia" e até um "Índice Remissivo", mas **tão somente para enganar o seu leitor**, para fazê-lo acreditar que realmente está lendo "ciência" e que o autor desse texto é **o doutor, o professor, o cientista** Darcy Ribeiro, quando, na verdade, quem o escreveu foi o populista, o **ideólogo** Darcy Ribeiro.

Mas, por que? Porque Ribeiro sabe muito bem que em nossa civilização atual o "povo" não tem (**e nem reclama!**) nem voz, nem voto frente as "verdades" que **a ciência** declarou tais, e que basta que um discurso se declare "ciência" para que esse "povo" o considere "sem dúvida verdadeiro". Ribeiro **quiz** (conscientemente!) se aproveitar dessa **autoridade**, desse enorme **poder**, que o "povo" (aqueles, que **não** fazem parte da comunidade científica), dá aos cientistas, - e a **tudo** que eles falam! Ele **quis** que "o povo" tomasse esse livro como "ciência" para que **acreditasse com mais firmeza** em tudo aquilo que Ribeiro disse nele!

Mas, **para que?** Qual a finalidade desse discurso? Qual a **mensagem** (implícita ou explícita) para esse "povo brasileiro" que Ribeiro formula nesse texto e o que ele deseja tanto que seja tomado como inquestionável?

### **Uma mensagem feliz**

Sem dúvida nenhuma essa "mensagem" é uma mensagem "feliz". O "Povo Brasileiro", diz Darcy Ribeiro, **realmente existe!** E existe não somente como o total daqueles que moram e têm direito de permanecer naquele espaço geográfico chamado Brasil, que têm uma carteira de identidade brasileira, ou que foram nascidos no território brasileiro, senão como "**povo-nação**", ou "**etnia-nação**", quer dizer,

---

<sup>16</sup> Se não for assim, - pior para ele!

como unidade social caracterizada e identificada por uma **identidade cultural específica**, compartilhada por **todos os seus membros**.

Segundo Darcy Ribeiro, o que distingue os brasileiros de qualquer outro membro da espécie humana, **não é**, portanto, simplesmente algum atributo meramente "acidental", formal ou superficial (o passaporte, a residência, etc.). Não, o que **realmente** distingue os brasileiros, o que lhes **faz** aqueles brasileiros que são, é uma **cultura internalizada e transformada** em personalidade, um **modo de ser**, sentir, fazer as coisas, são valores e preferências, gostos e desgostos **compartilhados por todos**, um **Ego coletivo** que, supostamente, se formou já nos séculos XVI e XVII.

A formação desse "Ego coletivo" foi possível, inicialmente pela **deculturação radical** dos membros e descendentes de três "raças" (e inumeráveis culturas) distintas pelo inferno colonial, processo que lhes obrigou se "construir" (por um lado, dos restos da sua própria herança racial e cultural e, por outro, se aproveitando de certos elementos da "civilização ocidental" dos próprios colonialistas portugueses) um **novo modo de ser**, um "Nós", uma **nova identidade social**.

O que mais me surpreendeu nessa "mensagem feliz" foi que Darcy Ribeiro considerou necessário **repetí-la**, ainda em 1995. Porque: não é justamente isso o que qualquer livro introdutor à "história", "ciências sociais", "educação cívica", e mesmo "literatura" ensina a qualquer brasileiro que atenda alguma escola de primeiro grau? Não é algo que todos os brasileiros já sabem (mesmo que, talvez, nem todos acreditem)? Claro que é! **Trata-se da auto-imagem oficial desse país!** Trata-se de um discurso formulado, discutido, reformulado e enriquecido continuamente desde o século passado, pela totalidade dos "pais intelectuais" do Brasil<sup>17</sup>.

Agora, muitos deles foram, por certo legítimos cientistas, mas, **não por isso os conteúdos dos seus discursos são ainda conhecidos** nesse país. Mais bem, quase todos os brasileiros ainda conhecem, ainda sabem o que eles falaram porque seus discursos (inicialmente "científicos", ou seja, escritos para ser discutidos pela comunidade científica dos seus tempos), ao final, lograram algo que a maioria dos discursos científicos jamais logra. Desde o século passado, eles se viram transformados na "verdade histórica oficial" desse Estado e até **a justificativa** da mesma existência e autonomia dele.

Não importa que o discurso desses "pais da nação brasileira" sofra (desde o momento da sua criação como hipótese científica) de contradições, de rupturas e falhas lógicas e empíricas, consequências inevitáveis das diversas fontes e tradições paradigmáticas que fundamentam a sua

---

<sup>17</sup> Uma boa introdução ao estudo da formação histórica dessa visão oferecem Lilia Moritz Schwarcz (1993) e Doris Sommer (1991), em especial o Cap.5, O Guarani and Iracema: Brazil's two-faced Indigenism, p.138-171, desta última obra.

criação<sup>18</sup>. Nem mesmo que a comunidade científica que, em algum momento, aceitou esse discurso como indiscutivelmente "científico", o considere na atualidade já ultrapassado e de valor meramente histórico<sup>19</sup>. O que importa é que esse discurso constitui ainda, mais ou menos, a "verdade histórica" da maioria dos brasileiros, simplesmente **porque é isso** o que eles apreenderam na escola e que lhes ensinam inúmeros discursos políticos, telenovelas e poemas, os museus e monumentos nos parques públicos, e até mesmo a constituição e legislação desse Estado.

Quer dizer, trata-se claramente da **ideologia hegemônica** desse país, no sentido de Gramsci, mas também de Althusser. Trata-se da visão de si mesmo que **todos** os brasileiros têm ou, pelo menos, **deveriam ter** deles mesmos, - segundo aqueles que **mandam**, que **têm o poder**, que **têm a hegemonia** no Brasil, - e segundo o "aparato hegemônico" nos mãos deles!

Mais, se o que Darcy Ribeiro oferece nesse livro é **realmente** tão só **uma** (e, definitivamente, nem sequer a "melhor", a mais sofisticada, a mais convincente) versão da auto-imagem oficial vigente nesse país, isto é, se esse livro realmente não diz **nada de novo**, nada que o "povo brasileiro" ainda não saiba, porque, então é que Ribeiro investiu 30 anos da sua vida<sup>20</sup> e 449 páginas para recontá-lo? Em outras palavras, qual a **"razão de ser"** de um livro, que **não quer** ser discutido pelos cientistas, **tampouco** tem o **formato** para ser lido nas escolas e que, por sua grossura e, sobretudo, **o seu preço**, **garante** que nunca será realmente lido por aquele "povo" para o qual foi escrito? Finalmente, - quem então leu, quem comprou esse livro?

## O enigma do atraso

No seu "Prefácio", Ribeiro nos revela a **questão chave** que lhe guiou **durante todo aqueles 30 anos** que escreveu e reescreveu este texto: "Uma vez completado (a primeira versão desse) livro, a primeira leitura crítica que consegui fazer dele todo me assustou: não dizia nada, ou pouco dizia que não

---

<sup>18</sup> O idealismo alemão, por exemplo, mas, também, o racionalismo da ilustração e o pragmatismo inglês que **ambos** contribuíram à criação do conceito da "nação", mais, o "culturalismo norte-americano" pós-Boasiano que proporcionou a interpretação específica Darcy Ribeiriano sobre esse conceito (inicialmente proposta por Gilberto Freyre, 1930), mais o positivismo francês e o Lamarkismo (esse último disfarçado como Darwinismo) do "racismo científico" europeu e norte-americano do fim do século passado, dos quais, em conjunto, se deriva a idéia do valor analítico da categoria de "raça" na sociologia clássica brasileira. Finalmente o hegelianismo e o evolucionismo Spenceriano que contribuíram à idéia que a história fosse um processo de progresso civilizatório, necessário, linear e sempre **positivo**, frente ao qual os diversos "povos" e "nações" humanas se diferenciariam naqueles que "realizam" o futuro e aqueles que "permanecem" em diversas etapas ou estados desse processo já ultrapassados, etc., todos eles se encontram combinados e reinterpretados nesse pensamento, desde os tempos dos positivistas e os regionalistas.

<sup>19</sup> Ver Anderson (1983) e os autores mencionados na nota 16.

tivesse sido dito antes. O pior é que não respondia às **questões que propunha**, resumíveis na frase que, desde então, passei a repetir: **por que o Brasil ainda não deu certo?**" (p.13) Em vista de **tudo** dito nesse livro, isso é, em realidade, **uma questão muito seria!**

Como vimos, o que Ribeiro relata nesse livro é uma história de êxito ("success story", como dizem os norte-americanos). No espaço geográfico e bio-climático "mais rico do mundo" nasce um "povo-nação", não somente caracterizado, senão **identificado** por uma "cultura" que reúne em si o melhor, o "mais humano", de todas as fontes raciais e culturais que lhe deram origem, **sem** compartilhar os "vícios" dessas tradições originárias.

O índio contribuiu com "os fecundos ventres das suas mulheres", para que neles o colonizador criasse filhos que (por boa sorte do futuro Brasil!) o racismo e o etnocentrismo destes mesmos colonizadores lhes fez incapaz de aceitar como seus verdadeiros descendentes. Daí que eles se reuniram finalmente com os escravos negros (de novo, por boa sorte para o futuro Brasil!) **já quase por completo desafrikanizados** (pela experiência traumatizante da escravidão), para, juntos, començarem um "esforço inédito": a sua auto-construção cultural que, claro está, não podia senão resultar em outra versão da civilização ocidental (ao final, não somos selvagens!), mas, numa versão mais "nova", mais "vital", mais "humana", que - como tal - constitui, para Ribeiro, um claro avanço evolutivo em relação aos "povos-nações" europeus. Embora, **mesmo assim, o país desse "povo-nação" superior, - ainda não deu certo!** Como entender, como explicar isso?

É uma lástima, mas tampouco nessa última versão do seu texto, Darcy Ribeiro sabe realmente responder à essa pergunta, ou, melhor dito, nos oferece uma resposta de tamanha simplicidade! Durante a colônia, nos informa, foi o próprio colonizador que, como agente fiel de um "povo-nação" estranho, mandou as riquezas produzidas pelos seus filhos "proto-brasileiros" à suas terras, - não sempre de origem mas ainda de identificação. Logo, no Império e na Primeira República, foi uma cúpula de "empresários e patriarcas" que, ao que parece por falta de "patriotismo", inibiu o "povo brasileiro" de cumprir a sua missão histórica e civilizatória. E finalmente, "Nas últimas décadas surgiu e se expandiu um corpo estranho nessa cúpula. É o estamento gerencial das empresas estrangeiras, que passou a constituir o setor predominante das classes dominantes. Ele emprega os tecnocratas mais competentes e controla a mídia, conformando a opinião pública. Ele elege parlamentares e governantes. Ele manda..." (p.208) Quer dizer: **os responsáveis foram e são sempre os "outros", os "estrangeiros"**.

Mas, claro que Ribeiro não gastou 30 anos de sua vida e tanto papel tão só para dizer isso. Em realidade, o que do meu ponto de vista, **muito mais** lhe preocupou durante todos esses anos e o que **realmente** lhe obrigou a finalmente apresentar os resultados desse esforço ao "povo brasileiro", **não foi tanto** a questão por quê o Brasil ainda não deu certo, mas as **possíveis consequências** desse fato.

Porque, o mesmo subdesenvolvimento brasileiro, as suas gritantes desigualdades sociais, culturais, regionais e econômicas, o racismo, a violência, quer dizer: o "caos"<sup>21</sup> que caracteriza esse país, tudo isso fundamenta um enorme perigo, - pelo menos do ponto de vista da classe que governa. Me explicarei!

Segundo Darcy Ribeiro, o **resultado mais surpreendente** que a auto-criação histórica do povo brasileiro produziu é o seguinte: "A confluência de tantas ... matrizes formadoras poderia ter re-sultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imicíveis. Ocorreu justamente o contrário, uma vez que, **apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos da sua múltipla ancestralidade**, não se diferenciaram em antagônicas **minorias raciais, culturais e regionais**, vinculadas à lealdades étnicas próprias e **disputantes de autonomia frente à nação.**" (p.20)

De novo, uma história de êxito! O povo brasileiro constitui uma "nação", e não uma multiplicidade de etnicidades antagônicas, "**apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos da sua múltipla ancestralidade**". Mais precisamente, apesar de que os brasileiros serem "**objectivamente**" ainda tão distintos aos olhos de Darcy Ribeiro, a sua auto-identificação em subgrupos raciais, regionais, etc. constitui pelo menos uma alternativa ainda que teóricamente imaginável e, por isso, pelo menos um perigo "potencial". Contudo, por boa sorte para os dominantes nesse país, já faz séculos que esse "povo", tão diverso "objectivamente", **não** se auto-identifica segundo a sua "fisionomia somática", seus diversos "espíritos" e seus "múltiplos ancestrais". Mas, enfim, todos se reconhecem mutuamente como **brasileiros**, mesmo que, às vezes, brasileiros "feios", "fedorentos" ou "marginais".

Agora, contrário à Darcy Ribeiro, eu não acredito que esse "milagre", tão bem-vindo para aqueles que dominam nesse país, é realmente um "milagre". Antes, eu acredito que esse "milagre" é justamente **o produto da própria autoimagem oficial dessa nação, quer dizer, daquela ideologia hegemônica que alguns intelectuais brasileiros começaram a criar já nos fins do século XVIII, refinaram constantemente durante todo o século passado, e que, ao final, foi transformado, às vezes por esses próprios intelectuais, em "currículo escolar", monumentos, romances, leis e todas as constituições que esse país já teve, e que, nesse livro, Darcy Ribeiro tão somente repete uma vez mais.** Na realidade, esse "milagre" tão só demonstra com **que enorme êxito** a classe dominante logrou instalar esse discurso específico sobre "a formação e o sentido do Brasil" até no "senso comum", mesmo

---

<sup>21</sup> Brüske (1996).

naqueles brasileiros que **não são** intelectuais nem elite; quer dizer, com que êxito o transformaram em **ideologia hegemônica**<sup>22</sup>.

Mas, mesmo que implantado com tanto êxito, o fato de que o Brasil "ainda não tenha dado certo" (sobretudo, economicamente falando), pelo menos do ponto de vista das elites, **segue ameaçando constantemente** a fé, sobretudo dos pobres, dos negros, dos "caipiras" e das mulheres desse país, notadamente daquela imagem ideológica **deles mesmos** que a classe dominante, com todo o aparato ideológico que dispõe, lhes ensina.

Porque, ao final, não é que a mensagem dessa imagem se choca brutalmente com as experiências cotidianas desses mesmos pobres, negros, "caipiras" e mulheres brasileiras? E não é que, segundo a lógica do "homem econômico" (no qual todos os dominantes acreditam ser a própria lógica deles e do sistema capitalista que eles representam) pelo menos alguns desses pobres, negros, "caipiras" e mulheres brasileiras **deveriam**, algum dia, se dar conta que o seu problema principal **não são** os "estrangeiros", e nem mesmo a "experiência colonial" dos seus avós (como os seus dominadores declaram), senão justamente aqueles **brasileiros ricos, sempre brancos, majoritariamente cariocas ou paulistas, quase sempre homens** e "bem educados" que lhes discriminam, exploram e dominam, em nome do "projeto civilizatório" de que fala Darcy Ribeiro? E não é, finalmente, que - uma vez tomado este ponto de vista - eles possam facilmente chegar à conclusão que a solução dos seus "problemas" não é seguir esperando aquele "futuro glorioso" que, pelo meio do **mito** da "nação" a classe dominante lhes promete, senão reunir-se com outros brasileiros **dos mesmos traços "sociais", "fisionômicos", "somáticos" e "espirituais"**, para assim se defender melhor, - não contra "a nação", mas sim, contra justamente aquela **definição hegemônica** de "brasilidade" que **legitima** os seus sofrimentos?

Claro que é! Na realidade, segundo o ponto de vista de Darcy Ribeiro e a classe que ele representa (voluntária ou involuntariamente), o **verdadeiro** "milagre" brasileiro é que, até este momento, os pobres, negros, etc. etc. brasileiros ainda não chegaram justamente à estas conclusões tão "lógicas". E, o que eles temem mais que qualquer outra coisa é que, em qualquer momento, talvez já amanhã, esse "milagre" termine!

Quer dizer, o que, segundo o meu entendimento, realmente preocupou a Darcy Ribeiro, o que lhe fez escrever esse livro, o "mal ainda possível" que esse livro combate **preventivamente**, é que **aquele racismo, o machismo, regionalismo e elitismo branco carioca-paulista que tanto marca o**

---

<sup>22</sup> Não quero, com tudo isso, reforçar a tese inócua de alguns representantes da extrema esquerda que vêem a "classe dominante" nesse país numa perpetua conspiração contra o "povo brasileiro". Sem dúvida nenhuma, aqueles membros dessa classe que transformaram essa ideologia em "hegemônica" (entre outro por transformá-la em curriculum escolar), a consideram (e seguem considerando-a) a "verdadeira" história do Brasil. Embora, a fé deles nessa "verdade" seja, por certo, constantemente reforçada pela sua conveniência **para** eles.

**discurso desse livro**, se encontre, algum dia, **efetivamente** desafiado por novas forças políticas, aglomeradas com base à uma reinterpretação da "formação e sentido" da sua própria existência e identidade, que **deslegitimasse** (quer dizer, retire a autorização de seguir dominando de) aqueles que a ideologia hegemônica vigente identifica como os dominadores **legítimos** desse país, por declarar **o seu projeto** o "projeto de todos", e **desconectar** retoricamente o seu domínio do fato de que eles **são** brancos, quase sempre carioca-paulistas, mas, de toda maneira, elite, racistas e machos.

Para que isso não ocorra, para que nenhum brasileiro defina seu interesse pessoal em termos da sua classe, raça, descendência étnica ou região, da sua pobreza ou seu gênero, para logo pôr os seus interesses, assim redefinidos, sobre os "interesses da nação", como definidos pelos dominantes, o povo brasileiro **tem** que acreditar, e seguir acreditando, em que ser brasileiro é ser dono do "país mais rico do mundo" que tão somente por alguma causa ainda não muito clara (os estrangeiros? a globalização?, ou a Amazônia ainda "desocupada"?) ainda não deu certo". Porque é essa fé, essa visão de si mesmo e do seu futuro que, **em última instância**, lhes fêz, e lhes segue fazendo tolerar o racismo, o machismo e elitismo dos seus dominadores, a discriminação e exploração, a miséria e a violência cotidianas.

Mas, claro está que ninguém melhor que os próprios criadores, defensores e **ganhadores** dessa ideologia hegemônica **sabem** que a fé do povo é fraca. Assim, eles **se sentem obrigados a repetir** a mensagem feliz dessa ideologia, tão favorável para eles, **quantas vezes possível**, - entre outros na vã esperança de que eles mesmos conseguirão, algum dia, acreditar nela.

Estou convencido de fato, que foi **esse** o motivo que levou Darcy Ribeiro a escrever esse livro, - e que foi **esse** também o motivo que levou aquela "elite" brasileira sempre "branca", quase sempre carioca-paulista, majoritariamente masculina e suficientemente rica pagar o preço exorbitante, **a comprar esse livro em massa**, e reservá-lo (seguramente sem lê-lo!) um lugar proeminente nas suas bibliotecas.



## Referências:

- ANDERSON, Benedict. (1983). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Sread of Nationalism*, London (Verso)
- BOURDIEU, Pierre (1972). *Esquisse d'une Théorie de la Pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*, Genf (Droz)
- BRÜSEKE, Franz Josef (1996). *A Lógica da Decadência*, Belém (Cejup)
- CARNEIRO, Roberto (1967). Editor's Introduction, in: R.Carneiro (Ed.): *The Evolution of Society, Selections from Herbert Spencer's Principles of Sociology*, Chicago (University Press), p.ix-lvii
- CRICK, Malcolm (1976). *Explorations in Language and Meaning, Towards a semantic anthropology*, London (Malaby Press)
- DAMATTA, Roberto (1990). *Carnevais, Malandros e Heróis, Para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro (Editora Guanabara)
- \_\_\_\_\_ (1991). *A Casa & a Rua*, Rio de Janeiro (Editora Guanabara)
- \_\_\_\_\_ (1994). *Conta de Metiroso, Sete ensaios de antropologia brasileira*, Rio de Janeiro (Rocco)
- FRANK, Erwin (1993). *Opake Strukturen der Argumentation, Zur Meta-Theorie wissen-schaftlicher Analyse in den Humanwissenschaften am Beispiel einer Untersuchungstradition in der Kulturanthropologie*, Bonn (Holos)
- FREYRE, Gilberto (1930). *Casa-grande e Senzala*, Rio de Janeiro (José Olympio)
- FRIEDMAN, J. e M.J. Rowlands (Eds.) (1982). *The Evolution of Social Systems*, London (Duckworth)
- HARRIS, Marvin (1968). *The Rise of Anthropological Theory*, New York (Crowell)
- JOHNSON, A.W. e T. Earle (1987). *The Evolution of Human Societies*, Stanford (University Press)
- KUKLICK, Henrika (1991). *The Savage within, The social history of british anthropology 1885-1945*, Cambridge (University Press)
- KUHN, Thomas (1970). *The Structure of Scientific Revolutions (2a Ed.)*, Chicago (University Press)
- \_\_\_\_\_ (1977). *Die Entstehung des Neuen*, Fankfurt (Suhrkamp)
- KUPER, Adam (1988). *The Invention of Primitiv Society, Transformation of an Ilusion*, London (Routledge)
- LAUDAN, Larry (1977). *Progress and its Problems*, Berkeley (University of California Press)
- RIBEIRO, Darcy (1968). *O Processo Civilizatorio*, Rio de Janeiro (Civilização Brasileira)
- \_\_\_\_\_ (1970). *As Américas e a Civilização*, Rio de Janeiro (Civilização Brasileira)
- \_\_\_\_\_ (1970). *Os Indios e a Civilização*, Rio de Janeiro (Civilização Brasileira)
- \_\_\_\_\_ (1971). *El Dilema de América Latina*, México (Siglo XXI)
- \_\_\_\_\_ (1995). *O Povo Brasileiro*, São Paulo (Companhia Das Letras)

- SAHLINS, M.D. e E. Service (Eds.) (1960). *Evolution and Culture*, Ann Arbor (University of Michigan Press)
- SARTI, Cynthia Andersen (1996). *A Família Como Espelho, Um estudo sobre a moral dos pobres*, Campinas (Autores Associados)
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (1993). *O Espetáculo das Raças, Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*, São Paulo (Companhia Das Letras)
- SPENCER, Herbert (1873). *The Study of Sociology* (New York (Appleton))
- \_\_\_\_\_ (1896). *Principles of Sociology* (1a Ed.: 1876), New York (Appleton)
- SOMMER, Doris (1991). *Foundational Fictions, The national romances of Latin America*, Berkeley (University of California Press)
- TRAUTMANN, Thomas (1987). *Lewis Henry Morgan and the Invention of Kinship*, Berkeley (University of California Press)
- VAINFAS, Ronaldo (1995). *A Heresia dos Índios, Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*, São Paulo (Companhia Das Letras)
- WHITE, Leslie (1945). *Diffusio Versus Evolution, an anti-evolucionist fallacy*, in: *American Anthropologist*, Vol.45, p.339-356
- \_\_\_\_\_ (1949). *The Science of Culture*, New York (Grove)
- \_\_\_\_\_ (1959). *The Evolution of Culture*, New York (Grove)
- WINCH, Peter (1972). *Understanding a primitive Society*, in, P.Winch: *Ethics and Action*, London (Routledge & Kegan), p.8-49
- WOORTMANN, Ellen (1995). *Herdeiros, Parentes e Compadres*, São Paulo (Hucitec).